

Interacionismo simbólico: raízes, críticas e perspectivas atuais.

Symbolic Interactionism: roots, critics, and current perspectives.

Amélia Siegel Correa*

Resumo: Este artigo analisa o interacionismo simbólico sob uma perspectiva de longo prazo, partindo de suas origens pragmáticas, passando pelas críticas que recebeu até a revitalização da tradição. O fio que costura a análise vem do próprio pragmatismo e de uma leitura mais problematizada desta origem, apontando que a apropriação de Blumer desta tradição privilegiou o seu caráter mais nominalista e utilitarista. Em seguida, faço um exercício teórico de vincular as principais críticas recebidas pelo interacionismo, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, com essa origem *enviesada*, posto que a prevalência da linha realista poderia ter conduzido o movimento a outras direções. Por fim, apresento evidências de uma revitalização da tradição vinculada ao amadurecimento das suas linhas de pesquisa, a um maior diálogo com outras disciplinas e a uma incorporação das críticas recebidas, onde se encontram, entre outras, a superação de alguns dos pressupostos pragmáticos que prejudicavam, por exemplo, um tratamento mais articulado de questões estruturais.

Palavras-chave: interacionismo simbólico. tradição pragmática. perspectivas sociológicas contemporâneas.

Abstract: This article addresses Symbolic Interactionism through a long time perspective, beginning with its pragmatic origins, passing by the critics it received until the revitalization of the tradition. The thread that sews the analysis comes from a more problematized look at the pragmatic tradition itself, claiming that Blumer's appropriation of it has privileged its nominalistic and utilitarian character. Afterward, I relate the criticism that Symbolic Interactionism has received in the 1960's and 1970's with its skewed origin, as the prevalence of the realistic line could have taken the movement to different directions. Finally, I

* Doutora em Sociologia pela USP, pesquisadora na área de teoria social contemporânea, cultura, identidade, arte e museus. Atualmente pós-doutoranda no Departamento de Antropologia da Universidade de Copenhague, Dinamarca.

present evidence of the revitalization of the tradition, which is due to the maturation of its research lines and a broader dialogue with other disciplines. Moreover, the consideration given to the criticism it received allowed the perspective to overcome some of the pragmatic assumptions, allowing necessary articulations with structural questions.

Keywords: Symbolic Interactionism. pragmatic tradition. contemporary sociology .

Este artigo analisa o interacionismo simbólico sob uma perspectiva de longo prazo, partindo de suas origens pragmáticas, passando pelas críticas que recebeu até suas perspectivas atuais, com a revitalização da tradição. O fio que costura a análise vem do próprio pragmatismo e de uma leitura mais problematizada feita dessa origem. Esboçado esse plano geral, devo mencionar que a intenção não é tratar nenhum autor em especial, (com a exceção de Blumer na primeira parte, afinal, é unânime a sua paternidade no interacionismo). O propósito foi observar o movimento de uma perspectiva mais ampla, tanto de tempo quanto de produção, vinculando, sempre que possível, com o contexto histórico e com o campo da sociologia norte americana, em especial com o funcionalismo parsoniano. Sempre que possível, privilegiei textos que não existem em português, como forma de ir um pouco além das discussões mais conhecidas que temos sobre o interacionismo.

2. Raízes pragmáticas: realismo x nominalismo

As raízes do interacionismo simbólico podem ser encontradas na virada do século XIX para o XX, sendo que boa parte dos manuais de sociologia¹ atribuem suas origens ao trabalho do filósofo social George Herbert Mead (1863-1931), cujas idéias se transformaram numa doutrina sociológica através da contribuição do seu aluno Herbert Blumer (1900-1986). Um dos objetivos deste artigo é apresentar uma versão um pouco mais problemática da herança pragmática do interacionismo. Um pouco como uma história das idéias. Existem, evidentemente, outros pontos de vista sobre essa herança pragmática, e temos clareza de que esta leitura que privilegia a dicotomia realismo-nominalismo é uma das *possíveis*, e que a literatura oferece outras interpretações.

¹ Como por exemplo em CUFF, 2006.

Para tanto, seguirei o raciocínio desenvolvido pelo filósofo David Lewis (LEWIS, 1976), que mostra que o pragmatismo, nascido como uma teoria que estuda o *modus operandi* da ciência, não foi uma escola filosófica homogênea, e pode ser dividida em duas vertentes: a do realismo social de Charles Peirce (1839-1914) e a do nominalismo social de William James (1842-1910). Segundo o autor, os escritos de Mead e de John Dewey (1859-1952) foram influenciados por ambos respectivamente e, apesar de muitos interacionistas identificarem Mead como influência fundamental, há discrepâncias entre sua filosofia da ciência e os pressupostos metodológicos do interacionismo sendo que, em alguns casos, o pragmatismo de William James e John Dewey tem proeminência. Para desenvolver esse argumento, Lewis reinterpreta as afinidades entre Pierce, James, Dewey e Mead e constata que a filosofia de Pierce é bastante distinta dos pressupostos do pragmatismo de James e Dewey². É o que veremos a seguir.

Começamos por George Mead, psicólogo que se considerava um “behaviorista social”, marcando sua posição “contra a filosofia da consciência e, ao mesmo tempo, rompendo com as premissas metodológicas e o objetivismo das teorias do comportamento” (HADDAD, 2003, p. 95). Despendeu sua vida acadêmica como filósofo, com seus interesses focados na sociologia e na psicologia social e, segundo Lewis, suas concepções filosóficas sobre o *self*³, sua concepção de ciência e de sociedade não se encaixam nos pressupostos dos interacionistas. Crítico do cartersianismo, a sociedade para Mead é uma precondição para o *self*, para a ciência e para o conhecimento; o significado de qualquer pensamento é fundado na relação do indivíduo com o ‘outro generalizado’. Logo, compreender o processo e o lugar social onde se encaixa o pensamento é fundamental para a análise do mesmo. Para Mead, a psicologia social deve buscar entender a experiência interior dentro dos processos como um todo, trabalhando de fora para dentro, e não ao contrário. O indivíduo seleciona estímulos e constrói respostas, mas o cientista não consegue observar diretamente esses processos subjetivos, conferindo significado a eles através do comportamento externo. Aqui estaria o ‘realismo’ de Mead. Para ele, o fato do significado do ato ser evidente pode ser um indicador da perspectiva individual. Logo, a questão não está em interpretar o

² O artigo de Kinouchi chega à mesma conclusão (KINOUCHI, 2007).

³ Concordamos aqui com a opção de Nunes (2005, p. 12) de manter o termo ‘self’, pois sua tradução traz mais problemas do que soluções. Traduzi-lo por ‘eu’ não é uma boa alternativa, pois existe uma distinção entre ‘eu’ (I), mim (me) e self, desde os primórdios do interacionismo simbólico.

significado do ato, mas em dispô-lo de forma a construir uma imagem coerente da posição social do ator. (LEWIS, 1976, p. 349)

Segundo Haddad,

Mead abandona o individualismo metodológico, pois parte do "todo social" para, só dessa perspectiva, analisar a conduta dos elementos que o compõem; abandona também o objetivismo, pois leva em conta a experiência interna do indivíduo no conjunto do processo social, experiência essa objetivada nas expressões simbólicas. Dessa forma, Mead reúne aqueles dois ataques à filosofia da consciência que, depois de Peirce, mantiveram-se distantes. (2003, p. 25)

Passamos agora para a análise de Peirce, a fim de evidenciar a mencionada proximidade entre ele e Mead. Filho de um matemático, que era também físico e astrônomo, teve sua vida dedicada à ciência tanto no campo teórico quanto experimental: foi filósofo da ciência e pesquisador. Assim como Mead, colocava em xeque o sentido da dúvida cartesiana que, segundo Joas, “nada mais é que a defesa de autoridades inquestionáveis contra a reivindicação emancipatória do eu pensante; é, portanto, um pleito em defesa da *verdadeira* dúvida, em defesa do enraizamento da cognição em situações concretas” (1999, p. 134).

Americano de nascimento, Peirce era um apaixonado pela filosofia alemã, especialmente por Kant, e tinha como objetivo integrar filosofia e ciência. Encontrou uma solução que admitia certas premissas kantianas ao mesmo tempo em que negava a conclusão nominalista de que a realidade é transcendental ao que é dado pelas percepções. Isso implica em trazer a realidade para dentro da jurisdição humana, assim como para a sua estrutura cognitiva. Peirce manteve a perspectiva kantiana de que a fisiologia humana faz a mediação entre seu organismo e o mundo exterior e por isso a percepção é determinada pela maneira como as qualidades dos objetos exteriores são interpretadas pela fisiologia e pela cognição. Logo, epistemologicamente, o aparelho cognitivo é que faz a mediação entre percepção e mundo. Ocorre que essa percepção dos objetos se dá nas mentes dos indivíduos, o que abre a possibilidade de um entendimento intersubjetivo, que sustenta o método de Pierce e a sua concepção da realidade que é, pois, social do começo ao fim, não acreditando na possibilidade de se entender os indivíduos isoladamente (LEWIS, 1976, p. 350). Daí sua negação do nominalismo. Por isso, “o pragmatismo de Peirce é de natureza intelectualista; e se há referência à prática, trata-se de *prática racional* – isto é, relativa à otimização da economia do raciocínio proporcionada pela lógica.” (KINOUCI, 2007, p. 217).

Explica Lewis (1976, p. 351) que Mead e Pierce acreditam que a constituição orgânica das estruturas cognitivas fornecem um meio para que as percepções sejam conhecidas/percebidas, visão que se opõe ao realismo ingênuo que acredita que a consciência apreende de forma direta e imediata os objetos, como aquelas orientadas pelo *cogito cartesiano*. Ambos concordam também que essa relatividade perceptiva não leva ao subjetivismo. Todo contato subjetivo com os objetos encontra, por parte deles, resistência. Logo, a realidade do objeto não é dado objetivo ou subjetivo, mas determinada pelo entendimento intersubjetivo sobre ele.

A validade, portanto, de qualquer suposição científica pode ser testada se ela permitir que todos que estão observando dentro de uma dada perspectiva antecipem e experienciem qualitativamente experiências de contato similares (LEWIS, 1976, p. 352). Para Mead e Pierce a ciência é um empreendimento coletivo e requer uma validação coletiva dos seus objetos.

Com James e seu pragmatismo, haveria uma alteração do realismo de Pierce e Mead para o nominalismo. Psicólogo e filósofo, James tinha uma interpretação do pragmatismo muito diferente de Pierce⁴. O fato de James ter sua formação em áreas como medicina, biologia e psicologia fez com que tivesse uma perspectiva mais nominalista com relação à ciência, em oposição ao realismo de Pierce, que por sua vez estudou lógica e matemática (KINOUCI, 2007, p. 218), embora tenha partido da idéia de pragmatismo de Pierce, alterando-a. *Grosso modo*, o nominalismo nega a existência de entidades abstratas e procurar demonstrar que o discurso sobre estas é analisável através de objetos concretos; o uso de uma designação geral não implica a existência dessa coisa por ela denominada. Dessa forma, James debilitou e estreitou a idéia básica do pragmatismo, formulada por Peirce; talvez, segundo Joas, por um desejo de negar a possibilidade de soluções universalmente válidas (1999, p. 134). Segundo o próprio James “Toda concepção científica é, antes de qualquer coisa, uma ‘variação espontânea’ no cérebro de alguém. Para cada concepção que se prove útil e aplicável, existem milhares de outras que perecem devido a sua falta de valor. Sua gênese é estritamente

⁴ James e Pierce se conheceram ainda jovens na década de 1860 na Universidade de Harvard, onde ficaram amigos, a despeito das diferenças de formação familiares que tiveram: Pierce vinha de uma família de acadêmicos, enquanto James era um burguês que cresceu num ambiente literário (era irmão do famoso escritor Henry James), mas que se formou em biologia, medicina e psicologia.

aparentada com aquelas inspirações poéticas, ou com as máximas de sabedoria, das quais as variações cerebrais também são a fonte.” (apud KINOUCI, 219).

A ciência organiza os sentidos, traduz e interpreta esses dados, abrindo espaço para uma concepção psicologizante da ciência. Seu pragmatismo está vinculado a um *practicalismo*, (em oposição ao *intellectualismo* de Peirce) pois pensa a ciência como uma atividade prática, um guia para agir no mundo (o que nos lembra de preceitos parsonianos). Com Dewey e seu instrumentalismo, há um reforço do nominalismo subjetivo, que se afasta ainda mais do realismo de Pierce e Mead. Para Dewey a realidade é inseparável da pesquisa; não existe noção de coisa alguma que não dependa de um antecedente na cabeça do pesquisador.

John Dewey (1859-1952) foi a principal figura do pragmatismo no século XX, chegou a ter aulas com Peirce, e lecionou durante cerca de dez anos na Universidade de Chicago, tendo como colega de departamento George Mead. O início de sua filosofia teve o impacto das teorias darwinistas do final do XIX, através de William James, acentuadamente darwinista (KINOUCI, 221).

A teoria da pesquisa de Dewey derivou, inicialmente, de um trabalho de Pierce, no qual ele refuta o princípio cartesiano de que o filósofo tem que duvidar e questionar todas as opiniões anteriores. Pierce argumenta que ninguém pode destruir uma crença por um simples ato de vontade, é necessário alguma experiência para transformar a crença em dúvida. Para Dewey, entretanto, o pensamento sempre opera dentro de uma estrutura de meios e fins relativos a uma situação indeterminada, logo, é o conhecimento que transforma uma situação indeterminada em determinada. Assim, o pragmatismo de Dewey relaciona indivíduos com o seu ambiente ao definir pensamento, conhecimento, e significado em termos de atividades para resolver problemas. (LEWIS, 1976, p. 353)

Dewey, desta forma, estendeu a visão de Pierce sobre a indagação, sugerindo que a existência e a realidade são determinadas pela atividade de questionar, evitando o dualismo de conceber qualquer existência antes de uma investigação, aproximando assim sua filosofia do subjetivismo e do nominalismo. Essa redução da existência a um objeto de indagação imediata representa um rompimento com Pierce, pois para Dewey não existem percepções, no sentido de sensações que influenciam os pensamentos como em Pierce e tampouco o ‘mundo lá fora’ de que fala Mead.

Enquanto para Pierce o significado das idéias se relaciona com a comunidade de *selves*, resultando em teorias sociais e realistas, para James o significado se encontra nas experiências particulares de *selves* individuais, evidenciando teorias individualistas e nominalistas, e que a influência de James em Dewey foi bem maior do que a de Pierce. É interessante observar que Dewey, que se reconhecia como um herdeiro do pragmatismo, percebia as diferenças entre Pierce e James: “Peirce era acima de tudo um lógico; enquanto James era um educador e um humanista (...) Se essa importante distinção não for apreendida, fica impossível entender a maioria das ambigüidades e dos erros pertencentes ao período posterior do movimento pragmático” (apud KINOUCI, 2007, p. 222).

As considerações nominalistas sobre o conhecimento são fatais para a ciência (LEWIS, p. 354), e trazem dificuldades para o trabalho sociológico. Dewey falha em reconhecer a realidade das construções teóricas, o que impede a sua teoria da ciência de compreender a diferença essencial entre universalismos e particularismos. Mead, ao contrário, considerava a importância dos universalismos para a investigação científica, objetivamente reais por serem objetos comuns. Por isso, apesar da influência de Dewey em Mead, seu trabalho é muito mais moldado pela filosofia peirciana.

3. Blumer: para além do nominalismo e do realismo.

Herbert Blumer realizou uma “guinada pragmática”, ao chamar a atenção para a importância de se conceber a análise na experiência concreta, visando um olhar direto e prático às verdades locais e limitadas que emergem das experiências concretas. (PLUMER, 1998, p. 189). Para Blumer, o mundo empírico existia enquanto algo passível de observação, estudo e análise, sempre atento para o fato de que os seres humanos agem em situações sociais, orientados por disposições subjetivas. Logo, privilegiava documentos humanos, estudos naturalistas e histórias de vida para chegar a essas disposições cognitivas.

Blumer foi o principal difusor da tradição do interacionismo simbólico na sociologia. Durante décadas ‘lutou’ contra as ortodoxias sociológicas, na busca por espaço para o desenvolvimento do seu caminho humanista e pragmático. Foi um crítico das principais tradições sociológicas: por um lado, era contra qualquer redução da vida social aos métodos quantitativos e por outro criticava a imposição

de conceitos abstratos como cultura, estrutura, industrialização à vida social, alegando que não explicam nada. Para ele, o verdadeiro papel da sociologia seria observar de perto e com cuidado a vida dos grupos e o comportamento coletivo através da ‘ação’.

Crítico das perspectivas sociológicas estruturalistas, Blumer focou sua atenção no homem do dia a dia, o que não quer dizer que ignorasse questões de poder, organização e história. Apenas acreditava que as teorias e observações da sociologia deveriam ser sobre coisas reais, do mundo. Plumer (1998, p. 86) coloca Blumer como discípulo de Mead, sendo que para ambos a ciência era a maior forma de pensamento do mundo moderno, fundada na atitude pragmática, que em Mead quer dizer que o significado de qualquer pensamento é fundado na relação do indivíduo com o ‘outro generalizado’. Sua formação acadêmica se deu, entretanto, na Escola de Chicago, de grande tradição empírica. Essa dupla herança, de Mead e de Chicago, nem sempre era compatível. Buscou obstinadamente, durante a vida toda, encontrar a melhor forma de estudar o comportamento coletivo e a experiência dos grupos. Fez pesquisas empíricas em diversas áreas mas, segundo alguns autores, não era essa a sua melhor área de atuação (PLUMMER, 1998; BAUGH, 1990). Ao mesmo tempo, era contra sínteses e sistematizações, que, segundo ele, prejudicavam o pragmatismo.

A solução para o dilema se deu com o desenvolvimento de uma teoria do interacionismo simbólico que, resumidamente, propõe: 1) que se observe sempre os processos, como surgem os grupos, a sociedade etc., pois nada é fixo e estático; 2) que se busque os significados, os símbolos e as linguagens que engendram a vida social e 3) que se investigue as interações e as interconexões, pois essa é a melhor visão que se pode ter do indivíduo, que esta sempre em interação.

Parte aqui do conceito de *self* desenvolvido por Mead, para chegar à conclusão de que os seres humanos desenvolvem idéias reflexivas sobre quem são através da comunicação com eles mesmos e com os outros. O *selves* são, portanto, processos condicionados na linguagem, através da comunicação, no desenvolvimento dos papéis e na interação com os outros.

Por isso seu interacionismo simbólico tem maior proximidade com o esquema de Dewey e James do que com a tradição de Mead-Pierce (LEWIS, 1976, p. 355). No ambiente intelectual dos pragmáticos da escola de Chicago, Mead tinha grande influência entre os sociólogos, enquanto Dewey dominava a filosofia, a

psicologia e a lógica. Por isso havia uma tendência em interpretar Mead através de Dewey, o que fez com que as diferenças entre ambos ficassem nebulosas.

O texto de Blumer “As implicações sociológicas do pensamento de George Mead” de 1966 exemplifica sua apropriação do conceito de *self* como referência de cálculo, afirmando que o significado do símbolo se evidencia pela sua interpretação individual. Mas a visão realista do significado de Mead o vê como um símbolo significante dado anteriormente ao seu uso e não proferido pela interpretação, defendida por Blumer.

Em “O que há de errado com a teoria social” de 1954, Blumer diferencia conceitos definitivos e sensitivos⁵, sendo estes mais adequados para tratar do dia a dia, das questões sociais e humanas, pois aqueles são mais apropriados para ciências naturais. Segundo Blumer, um conceito definitivo refere-se ao que há de comum num conjunto de objetos, possui uma definição clara da suas marcas de referência e dos seus atributos. Um conceito sensitivo não tem referentes objetivos (Blumer Apud Lewis, p. 352). Trata-se, segundo Lewis, de uma estratégia nominalista, portanto, contrária ao realismo de Pierce-Mead, pois tira a atenção dos atributos gerais de classes dos fenômenos. Para Blumer, os teóricos sociais não devem utilizar conceitos universais definitivos.

A metodologia individualista de Blumer origina-se numa teoria nominalista da interação social pois, para ele, a ação social vem da interpretação dos indivíduos, que definem o comportamento dos demais. É como se Blumer colocasse que para entender a organização dos grupos é preciso apreender os processos de definição de cada um dos seus membros. Tal concepção é fenomenologicamente nominalista em sua consideração do processo do pensamento. Blumer distancia-se da interpretação de *self* de Mead ao dar excessivo valor ao processo do pensamento, abandonando a idéia de que é a sociedade que cria a linguagem e que é somente através da linguagem que o *self* é articulado.⁶

O conceito de *self* como um fenômeno mental dos interacionistas implica que há uma interpretação do indivíduo com relação ao seu meio físico e social. Ou

⁵ Do inglês ‘sensitizing’: sensibilizar, no sentido de conceitos que servem para sensibilizar as pessoas.

⁶ Outros autores concordam que muitos interacionistas, incluindo Blumer, falharam em reconhecer o realismo social contido na filosofia de Mead, que mostrou que a permanência e a estrutura estão ancorados num simbolismo universal, ponto ignorado por muitos interacionistas simbólicos.

seja, o indivíduo não internaliza as normas e valores da sociedade, mas os leva em consideração quando estão mapeando o terreno. Isso está mais próximo da imagem de Dewey do homem não socializado, calculador, ou de agente moral de espírito livre de James. É nesse momento que a fidelidade ao pragmatismo de Dewey-James começa a ditar a metodologia interacionista. Uma teoria subjetivista requer uma metodologia subjetivista e, portanto, distante (nesse sentido), do realismo da psicologia social de Mead e do pragmatismo de Pierce, que tinham o *self* como conceito científico e desembocavam em um behaviorismo social. (LEWIS, 1976, p. 357).

Não é surpreendente que a sociedade americana, cativada pelo *ethos* do individualismo, tivesse no seu primeiro impulso sociológico fortes influências do pragmatismo de James-Dewey e que os primeiros sociólogos de Chicago, embora influenciados por Mead, não aceitem a idéia de que o *self* seja constrangido e não determinado pela sociedade. Já James e Dewey se encaixam melhor no *ethos* individualista por manterem a soberania do indivíduo frente às estruturas⁷ influenciando, portanto, o interacionismo simbólico.

A metodologia para Blumer mistura uma auto-reflexão sobre a atividade científica, com uma dimensão pragmática. (BAUGH, 1990) Blumer criticava as tentativas da sociologia de restringir a discussão metodológica a uma preocupação exclusiva com métodos e técnicas. Sua primeira fase de reflexão metodológica aborda ciência e interpretação, onde desenvolve a questão da compreensão interpretativa, que seria uma introspecção simpática (idem, p. 7), que trata da auto-identificação do observador com o observado. Estabelece assim uma tensão entre ciência e interpretação, que afirma a impossibilidade de generalizações a partir de casos singulares.

A psicologia pragmática é o ponto de partida de Blumer para tratar da ambígua questão do lugar dos conceitos na ciência: a percepção e a concepção operam numa troca progressiva. A percepção resulta da interação entre a atividade de um organismo e o seu ambiente, ou seja, não é uma simples recepção passiva do ‘mundo lá fora’, mas uma atenção seletiva e sensitiva de tal ambiente induzida pelo estado de disposição do organismo. Blumer quer aqui mostrar a aplicabilidade do pragmatismo para elucidar a pesquisa científica. O conceito aparece em resposta a

⁷ As estruturas para Blumer são produtos da interação humana. Mas esse produtos não determinam mecanicamente as interações futuras.

um problema, organiza e guia a percepção, e então libera uma ação travada ao abrir novas direções de procedimento.

Com o passar do tempo, o conceito em Blumer passa a ter um caráter simbólico ou verbal que permite que se torne parte do discurso, logo, seu conteúdo pode se tornar uma propriedade comum. Para o autor, conceitos científicos sempre se originam na experiência individual, e quando passam ao domínio comum, permitem a ação coletiva, a organização conjunta da pesquisa científica. Ou seja, Blumer apresenta uma concepção de ciência como uma forma de ação que se empenha em adquirir controle e entendimento sobre um ambiente natural que oferece resistência a esses esforços. Para superar essas resistências, a ciência inventa esquemas conceituais que remodelam as experiências do mundo e com isso reordenam a ação. A continuidade da ação evidencia o sucesso da ciência.

Num texto de 1937, Blumer identifica as duas principais orientações teóricas da psicologia social: a abordagem do estímulo/resposta e o interacionismo simbólico. (BAUGH, 1990, p. 12). O interacionismo simbólico tem como sua unidade básica a ação, onde a atividade se origina de um impulso interno, ao invés de um estímulo externo. Esse impulso recupera imagens que oferecem formas para a sua satisfação. Dado o significado construtivista desse processo interno, a fase externa da ação acaba ofuscada. A partir daí, suas considerações teóricas se direcionam para a experiência interior. Para acessá-las, deve-se empregar fontes como história de vida, entrevistas, autobiografias, diários, cartas, ferramentas que permitem ao pesquisador compreender a experiência das pessoas e tornar seus comportamentos inteligíveis. Por isso acusa os psicólogos atrelados ao estímulo/resposta de ignorarem o que é mais essencial para o comportamento humano: o aspecto simbólico-construtivo.

Em “O que há de errado com a teoria social?” de 1954, Blumer coloca que a teoria social tem graves dificuldades na sua relação com a pesquisa, pois ao focar no aspecto teórico, coloca-se em uma posição muito distante da pesquisa empírica, como no que acusa ocorrer com o funcionalismo. Outra deficiência da teoria social vem da sua imperfeição para guiar investigações, pois não é exprimida de maneiras testáveis, sendo, portanto, incapaz de cumprir o seu papel de colocar os problemas da pesquisa. O terceiro é sua falha em acomodar o corpo crescente de pesquisas realizadas. Para a solução dos problemas, sugere que se desenvolvam teorias em resposta ao mundo ao invés de importar esquemas conceituais exógenos: a teoria

deve ser testável. (BAUGH, 1990, p. 27) Entretanto, ao vincular a imprecisão dos conceitos às ambigüidades empíricas, Blumer deixa fora de seu espectro de pensamento que um conceito pode ser claro e a empiria, ambígua.

Em 1969 Blumer publica o famoso texto “A posição metodológica do interacionismo simbólico”, onde reforça sua crítica aos conceitos científicos da teoria social por serem vagos e ambíguos. Em seguida, identifica quatro princípios da perspectiva interacionista e suas implicações para a pesquisa:

- 1) As pessoas agem, individual e coletivamente, de acordo com os significados que dão aos objetos que compõe o seu mundo. A pesquisa deve perseguir esses significados para entender a ação, deve ver o mundo do ponto de vista daquele que estuda, o que requer a habilidade de se colocar no lugar dos outros. O entendimento subjetivo requer observações não quantificáveis, mas descrições de como os atores se referem aos objetos. Para evitar distorções, coloca como fundamental uma discussão coletiva de um grupo de participantes daquele mundo. Além disso, o entendimento subjetivo impõe que o pesquisador fique sempre em alerta para não projetar as suas percepções dos objetos nos outros.
- 2) A interação é construída seqüencialmente num desenvolvimento recíproco de gestos e interpretações. Logo, a interação é um emergente social assim como uma força formativa. Para os pesquisadores, isso implica a rejeição de qualquer caminho metodológico que trate a interação social como um meio através dos quais fatores determinantes produzem comportamentos. O interacionismo é fluido e variável, e em qualquer evento a sua forma deve ser descoberta empiricamente, e não prescrita anteriormente.
- 3) A ação social envolve um processo construtivo na qual os atores percebem, interpretam e avaliam as situações, confrontando-as. Como a ação social é o principal material da ciência social, as categorias da ação são metodologicamente decisivas. (BAUGH, 1990, p. 42)
- 4) A visão interacionista das formas molares da organização social (instituições, estado, poder, divisão do trabalho) é de uma combinação de pessoas que estão interligadas nas suas respectivas ações. Por isso, o estudo das organizações sociais tem o mesmo procedimento metodológico para os interacionistas.

Baugh aponta aqui o problema da justaposição da discussão metodológica com os princípios do interacionismo simbólico, tratando o último apenas como uma teoria científica entre outras. Isso seria indefensável, pois o interacionismo propõe uma teoria do significado incompatível com a semântica reducionista do empiricismo do ver e olhar. A tendência em separar uma reflexão metodológica apropriada e o interacionismo simbólico estaria enraizada no pensamento de Blumer.

Ainda segundo Baugh, embora Blumer mantenha a primazia ontológica das relações, o que o coloca como um realista social, ele não estava livre do nominalismo social, que sustenta que apenas os indivíduos e suas características são reais. Segundo o crítico, Blumer nega que a estrutura social determina a ação, defendendo que a ação produz a estrutura social. Dessa visão atomizada da vida social, derivam implicações metodológicas, que levam o interacionismo à subjetivação do significado. A pesquisa social seria, assim, encarregada de focar exclusivamente na perspectiva do ator, negando o estudo de fatores mais amplos, e o fator metodológico derivaria da reintrodução da oposição sujeito-objeto. (BAUGH, 1990, p. 86-87)

Dessa breve observação dos seus trabalhos metodológicos, percebemos uma tendência para uma interpretação nominalista e subjetivista da posição interacionista e, portanto, distante daquela que entende a sociedade como base para a compreensão da ação e de seus significados. Além disso, a prescrição para que a pesquisa faça um exame direto do mundo social, com a atenção direcionada aos significados dados ao mundo por seus participantes, se afasta de uma posição anterior do próprio Blumer, de criticar essa variável (BAUGH, 1990, p. 88). Acreditamos que essa perspectiva responde em parte à várias das questões colocadas ao interacionismo no século XX, objeto do próximo item, e que somente a superação do subjetivismo e do nominalismo viabilizaram a vitalização do interacionismo simbólico ocorrida nas últimas décadas dentro das ciências sociais.

4. Crítica ao interacionismo e dominação funcionalista.

Diversos fatores influenciaram as dificuldades que teve a tradição interacionista de se desenvolver em meados do século XX e de ter seus trabalhos reconhecidos no campo sociológico: críticas externas fortíssimas, lutas internas que os enfraqueciam, ambas reforçadas pelo fato de que, à época, triunfava na

sociologia o funcionalismo e outras ênfases macro-sociológicas, assim como floresciam técnicas de pesquisa quantitativas.

Começamos – não necessariamente por ordem de importância – pela dominação parsoniana. Em *A Estrutura da Ação Social*, obra de 1937 que é, em poucas palavras, uma história polêmica da tradição sociológica, Parsons buscava “definir e legitimar o papel da obra teórica no empreendimento científico em geral e na sociologia em particular”, e defendia uma grande síntese que excluía as escolas rivais (LEVINE, 1997, p. 44). Entre elas, ignorou a obra de Simmel e toda a tradição sociológica americana⁸, pois considerava profundamente desmoralizador a existência de teorias díspares, a falta de uma base comum (IDEM, p. 54). Além disso, Parsons estava contestando o individualismo enquanto posição analítica, que concebia, segundo ele, o indivíduo de forma a- social. Sua opção metodológica deu-se pelo estudo de sistemas de larga escala e, embora essa teoria não impedisse um foco empírico no indivíduo, ela aparece como se estivesse militando contra isso (ALEXANDER, 1987, p. 33-34) e, portanto, contra o interacionismo. Para Coulon, a publicação dessa obra confirma o surgimento de uma nova orientação teórica, divergente daquela da escola de Chicago, e que “dominaria a sociologia durante um quarto de século” (COULON, 1995, p. 25)

A centralidade do estrutural-funcionalismo a partir do período pós II Guerra ajuda a compreender as muitas críticas que o interacionismo de Blumer recebeu. Além disso, a perspectiva interacionista era individualista e privilegiava a empiria, batendo de frente com o inimigo poderoso. Nesse sentido, posto que dominado no campo, sua concepção de fato passa a ser lida como um “contra-modelo” (LEVINE, 1997, p. 38). Nesse momento de disputa, nenhum dos dois lados percebia a importância de olhar com atenção para seu inimigo teórico que, de certa forma, forneceria as chaves para a superação de suas debilidades metodológicas.

Tanto o interacionismo quanto a etnometodologia levantaram questões sobre significado e racionalidade, negando a necessidade de aproximação da metodologia da sociologia daquela das ciências naturais. Adeptos do trabalho de

⁸ Segundo Coulon, a hegemonia da Escola de Chicago na sociologia norte-americana vai de 1915 a 1935, quando ocorre a “rebelião de 1935” onde “o grupo dos oponentes ao enorme domínio exercido por Chicago organizou-se e conseguiu derrubar os líderes que dirigiam a sociologia americana desde os primórdios.” Essa rebelião foi uma faceta do enfrentamento entre dois tipos de sociologia: um quantitativo e positivista e o outro qualitativo e humanista. (COULON, 1995, p. 25)

campo, criticavam a escola estrutural-funcionalista por seu alto nível de abstração, pela falta de pesquisa empírica e por seu distanciamento da realidade social. Propunham um julgamento contextual da racionalidade - em oposição ao funcionalismo que a enxergava como uma conduta que deveria estar de acordo com a ciência.

Se a década de anterior foi de hegemonia estruturalista, os anos 1960 e 1970 foram mais conturbados, de guerras internas da sociologia, e não surpreende ter sido o período em que o interacionismo recebeu o maior número de críticas⁹ (STRYKER, 1987). O contexto social norte-americano contribuiu para tanto: o crescimento da pobreza, o acirramento das questões raciais, os debates relativos às antigas colônias do terceiro mundo e os movimentos igualitários fizeram com que os sociólogos fossem solicitados a assumir posições políticas e a atuar na solução dos problemas sociais (LEVINE, 1997, p. 64). A sociologia foi acusada de apoiar o *status quo* e de contribuir com a dominação, o que se aplicava tanto ao funcionalismo quanto ao interacionismo.

Os ataques vieram também dos psicólogos, interessados em alguns dos tópicos tratados pelo interacionismo simbólico, que consideravam sua metodologia experimental, sem rigor ou evidências. Já a crítica da etnometodologia era bem distinta e tinha duas direções: de um lado se dirigia ao interacionismo conduzido por Blumer e a sua descrição dos processos sociais que produziam uma aparência enganosa da interação social humana, demandando em seu lugar a descrição exata do comportamento, em particular do comportamento lingüístico. Do outro, era dirigida ao próprio Stryker que utilizava a idéia de papel (role) de uma forma supostamente vazia de referentes observáveis, e também porque esses conceitos eram impositivos ao invés de derivados do que se pode observar nas pessoas durante suas interações (STRYKER, 1987, p. 84-85).

Mas essas críticas influenciaram pouco o destino do interacionismo simbólico, especialmente se comparadas ao impacto daquelas da esquerda. Afinal, politicamente, os interacionistas recebiam ataques por uma postura descomprometida da sociologia enquanto disciplina intelectual. Além disso, a ‘negação’ da estrutura social, em particular das classes sociais e dos diferenciais de

⁹ Essa visão não é consensual: Nunes, por exemplo, abre o seu livro comentando que o interacionismo teve grande popularidade e reconhecimento nos anos 1960 e 1970. (NUNES, 2005) Optamos por seguir a conjectura oferecida por Stryker que tinha uma visão ‘de dentro’ do movimento.

poder, eram motivos de revolta, afinal, se o interacionismo não se posicionava contra, era porque defendia ideologicamente a estrutura econômica e política da sociedade americana.

Tomemos como exemplo a leitura de Jameson sobre *Frame Analysis*, de Goffman, publicado em 1974 (JAMESON, 1976). Segundo o autor, essa obra deve ser entendida como ‘contra’ os movimentos sociais da contra-cultura dos anos 1960, que representaram a última visão utópica de um espaço comunitário, onde as pessoas poderiam se encontrar face a face de uma forma absoluta e não mediada. A resposta de Goffman é parte de uma reação previsível e uma reprovação sistemática de todas aquelas predições prematuras da destruição da ordem social e das convenções sociais. Essa tendência ideológica e anti-utópica é mais do que apenas a motivação do trabalho de Goffman; seu poder deve ser medido em termos do sucesso da sua inventividade em enfrentar o problema da descrição sociológica do mundo pós- tradicional (JAMESON, 1976, p. 122).

Por essas e outras, muitos afirmaram que o interacionismo tinha uma tendência ao *status quo*, acreditando que a ‘verdade’ emergia das interações. A acusação de tendencioso assim como sua caracterização como ideológica são, de certa forma, reclamações de que o interacionismo não estava tratando adequadamente o significado da estrutura social, das classes sociais e das divisões de poder na sociedade, o que novamente podemos relacionar com as premissas de Blumer, que criticava esses conceitos por serem abstratos e ineficazes, pois para este autor os conceitos científicos devem emergir de experiências individuais.

De fato, a visão da sociedade como um acúmulo de ações individuais ou linhas de interação (que foi o mais longe que alguns interacionistas chegaram de reconhecer uma estrutura) não satisfaz a crítica política ao interacionismo. Isso por dois motivos: é difícil, atualmente, que um trabalho sociológico sério se abstenha de trabalhar com questões como gênero, raça, poder, estrutura etc, mesmo que nenhum desses assuntos seja o seu foco. Por isso, à medida que o interacionismo permanecia sob a influência de Blumer e sua negação epistemológica de signos abstratos, a crítica tem fundamento. Uma vez que os interacionistas do período evitaram de certa forma as teorizações mais formais e a idéia de testes baseados em dados, sua moldura era mais um dogma do que um tema para avaliação e modificação.

Na percepção de Stryker (1987, p. 87), isso se deve ao fato de que muita energia intelectual estava voltada para lutas internas, onde discussões infundáveis sobre o que era e o que não era verdade no pensamento de Mead, sobre se alguém que usa dados estatísticos poderia ser ou não um interacionista, sobre o papel dos conceitos etc., absorvia a criatividade, a confiança e uma maior motivação para mudanças. O autor ressalta, contudo, que durante a década de 1960 e 1970 trabalhos de alta qualidade continuaram a ser produzidos, inclusive por pesquisadores que, apesar de poucos, se inspiravam em Blumer. Embora, em uma perspectiva mais ampla, comparada com a excitação intelectual do período posterior, essas décadas não tenham sido as melhores para o interacionismo simbólico como um todo.

1. Perspectivas atuais

Apesar das críticas e dos ataques, o interacionismo ocupa um lugar cada vez mais seguro na tradição sociológica, bem diferente, por exemplo, dos anos em que era considerado a “leal oposição”, por seu ponto de vista social psicológico, subjetivo, micro-sociológico e qualitativo. Tal é a temática que pretendemos apresentar a partir de agora: como superou as dificuldades, respondeu à crítica, corrigiu suas falhas e mudou de posição no campo da sociologia.

Para tanto, alguns interacionistas desenvolveram conceitos que conectavam suas análises com uma perspectiva macro social e estrutural, o que fez com que muitas dessas novas pesquisas se configurassem de uma forma bastante distinta daquela que originalmente os interacionistas reivindicaram para seu domínio. Além disso, recentemente se tentou vincular o interacionismo com uma gama ampla de teorias e pesquisas, das quais abordaremos algumas.

5.1 Fragmentação, expansão, incorporação e adoção

Apesar da centralidade e da dominação funcionalista, o número de estudantes em Chicago cresceu muito após a II Guerra Mundial, e a maioria foi guiada por Blumer e seu colega de departamento Everett Hughes¹⁰ (1897 – 1983). Poder-se-ia dizer que esses alunos constituíram uma nova geração que

¹⁰ Professor em Chicago e mais tarde em Montreal, é uma das grandes figuras da segunda geração de Chicago, vinculada ao interacionismo. Além de autor de obras de referência para a área, Hughes impulsionou diversos trabalhos monográficos importantes. Ver: LALLEMENT, 2004, p. 35.

aprofundou, expandiu e modificou o interacionismo, contribuindo com importantes estudos empíricos e começando a explorar novos modelos de crítica cultural e social. Pouco depois, nos anos 1960, a reorientação da sociologia com sua maior abertura para perspectivas críticas e qualitativas, levou muitos descontentes com a ortodoxia funcionalista a se aproximar do interacionismo. Simultaneamente a esse processo, havia outro grupo de interacionistas sendo treinados em Iowa, sob a tutela de Manford Kuhn¹¹, que testava as hipóteses de Mead sobre o *self* através de questionários.

A cada geração o núcleo do interacionismo ficava mais confuso, e ao mesmo tempo mais aberto, embora mantivessem em comum as três premissas de Blumer (FINE, 1993, p. 64). Com a morte dele em 1986, o interacionismo perde a sua identidade viva pois, “Para muitos, Herbert Blumer *era* o interacionismo simbólico” (IDEM, p. 63). Nesse contexto ‘pós-perda do pai’, o movimento ficou intelectualmente muito mais promíscuo, e seus pesquisadores passaram a combinar seus interesses no interacionismo clássico com outras tradições sociológicas. A ampliação dos problemas tradicionais e o alto grau de fragmentação que atingiu não impediram que tradição permanecesse ligada por alguns amplos princípios, uma infra-estrutura organizacional e algumas publicações.

Com a ampliação dos tópicos abordados pelo interacionismo, cresceu também o empréstimo das outras disciplinas, e outras perspectivas teóricas foram incorporadas como no caso do trabalho de Denzim (1997), que une interacionismo e estudos culturais. Da mesma forma, a chamada por um ‘interacionismo sintético’, combinando diversos tratamentos teóricos de agência e estrutura, convida os interacionistas a incorporar outros modelos à perspectiva blumeriana, indicando uma disposição em aprender com outras fontes intelectuais.

Da mesma forma que o interacionismo passou a emprestar conceitualizações de outras disciplinas, estas também passam a adotá-lo. Textos de Mead foram descobertos por uma geração de pensadores nos anos 1980, ao mesmo tempo em que muitos sociólogos passaram a reconhecer vários conceitos interacionistas como construção do significado, rotulamento, definição da

¹¹ Manford Kuhn (1911-1963) foi uma figura importante do interacionismo, que conduziu pesquisas mais quantitativas, e que argumentava que a metodologia de Chicago era vaga demais para atingir uma precisão científica.

situação, como parte de suas sociologias. De forma crescente, os construtos interacionistas estão se integrando ao corpo do pensamento sociológico, como em diversos exemplos citados por Fine (1993, p. 67).

5.2 Revitalização da tradição

O terreno mais certo para avaliar a revitalização do interacionismo simbólico está na grande variedade de trabalhos teóricos e empíricos que surgem a partir dos anos 1980. Também, como já mencionamos, basta observar a atenção que a abordagem tem recebido, e a apropriação dos seus conceitos por outras vertentes teóricas que, de certa forma ‘descobrem’ as idéias e conceitos interacionistas. Para Stryker, por exemplo, o trabalho de Giddens sobre a relação entre pessoa e sociedade, a importância do significado na vida social, entre outros são quintessencialmente *meadianos* e interacionistas, assim como diversos temas trabalhados por Collins. Esses e outros exemplos são utilizados pelo autor para demonstrar a sua tese de que muito do que está em voga na sociologia atual pode ter seu embrião encontrado em Mead ou suas inspirações identificadas no interacionismo simbólico. Também é possível encontrar muitos ecos da perspectiva interacionista nos “teóricos da ação” europeus, na psicologia social, na do desenvolvimento e na teoria ecológica do *self* (STRYKER, 1987, p. 87).

Contudo, a vitalidade do interacionismo atual está vinculada com os trabalhos mais recentes que, por sua vez, não podem ser considerados ‘puros’, pois carregam idéias de outras tradições. (STRYKER, 1987, p. 88). Há, por exemplo, um pequeno grupo de sociólogos que estudam processos de socialização entre crianças, tornando objetos algo de que os interacionistas falavam, mas raramente pesquisavam. Esse corpo de pesquisa começa com as premissas e a teoria interacionista, mas usa o material colhido para ir além delas. O mesmo poder ser dito sobre o tema do comportamento coletivo, os blumerianos muito falaram, pouco estudaram; os interacionistas atuais deram continuidade a esses interesses.

Há também a Teoria da Identidade de Norman Alexander, inspirada em Goffman, que foca nas atividades estabelecidas enquanto processo de afirmação e modificação, destruindo identidades estabelecidas, elas mesmas atribuições feitas pela perspectiva sobre a presença e a desempenho do ator num contexto social imediato. (Stryker, 1987, p. 90). Há ainda a teoria do controle afetivo desenvolvida

por David Heise - vale lembrar que uma outra crítica recebida pelo interacionismo era de que não levava em conta as emoções e os afetos. A questão central da teoria é ver como os afetos se inscrevem na interação social. Explicitamente uma versão do interacionismo simbólico, a teoria também se inspira na teoria do controle perceptivo.

O trabalho de Anselm Strauss (1916-1996), embora anterior aos anos 1980, se insere no contexto de vitalização de que fala Stryker. Seu estudo sobre os processos de negociação reitera mensagens familiares para aqueles que estudam o interacionismo simbólico: ceticismo quanto à possibilidade de uma teoria generalizante, forte preferência por conceitos sensíveis e por teorias e conceitualizações baseadas na empiria, foco no desenrolar das interações e na organização social como resultado do processo interativo, predileção pela produção de dados através de trabalho de campo, a seleção de casos para estudo através de “amostragem teórica”. Contudo, o trabalho vai além, ao reconhecer a necessidade de ligar as relações com os contextos nos quais ocorrem, incluindo aqui a negociação e a estrutura. (Stryker, p. 90) Além disso, em *Espelhos e Máscaras* Strauss estabelece “relações entre trajetórias individuais e estrutura social mas, sobretudo, [as situa] dentro de uma perspectiva histórica, percebendo os indivíduos como sujeitos e objetos de processos mais amplos” (VELHO, 1999, p. 15); segundo o próprio autor, “O tema central de *Espelhos e Máscaras* era, na verdade, a forma de lograr a incapacitadora dicotomia estrutura social *versus* interação social (convertida hoje, na terminologia, em “macro” e “micro”)” (STRAUSS, 1999, p. 22).

Outros envolvidos na vitalização do interacionismo nos anos 1980 buscaram introduzir uma apreensão de estrutura social através do desenvolvimento de suas afinidades com a teoria dos papéis. A relação entre interacionismo e teoria dos papéis há muito tem sido ressaltada, mas a lógica da relação só tem sido verdadeiramente trabalhada recentemente por autores como Ralph Turner, George McCall e T.J. Simmons, Peter Burke e o próprio Stryker¹². O esforço que empreendem é pela construção de uma versão sócio-estrutural do interacionismo

¹² Sheldon Stryker possui uma produção reconhecida sobre o interacionismo simbólico, que inclui, por exemplo, *Symbolic Interactionism: A Social Structural Version* de 1980 onde, segundo Burke, Stryker lista oito postulados que formam a base de uma das versões do interacionismo simbólico, evidenciando a forma como as estruturas sociais penetram nos processos, mas mantendo as idéias básicas do interacionismo. (BURKE, 2002)

simbólico, com uma Teoria de Identidade enquanto derivação desse quadro. McCall e Simmons possuem uma concepção de estrutura mais fluída do que Stryker e Burke, que percebem mais constrangimento e utilizam *survey*, modelos e procedimentos estatísticos. Turner teoriza de uma forma mais indutiva. Burke examinou de forma mais minuciosa como os significados formam a base da ligação das pessoas, papéis, situações e comportamentos. Independente das diferenças, todos dão ênfases ao interacionismo nos processos sócio psicológicos, costurando a interação, o *self* e o comportamento no cenário mais amplo da estrutura social.

A teoria da identidade destrincha a fórmula interacionista, afirmando que o *self* é um produto da sociedade e organiza o comportamento, reconhecendo que é nas redes de relações concretas das interações sociais que os *selves* são constituídos, e que num mundo onde as sociedades são bastante diferenciadas, os *selves* produzidos também são. Desta forma, a estrutura social mais ampla, incluindo sistemas de poder, classe, raça, gênero são incorporadas a essas teorizações que têm por base o interacionismo simbólico. (Stryker, 91)

O exemplo desses trabalhos atesta a vitalização atual do interacionismo. Não só a amplitude mostra o vigor, mas contribui para seu desenvolvimento. Assim, muitos dos dogmas anteriores são superados e o interacionismo amplia sua perspectiva, abrindo-se para conceitos 'abstratos', *surveys*, e análises estruturais, o que foi fundamental para a sua sobrevivência e para a sua nova posição no campo sociológico. Os poucos trabalhos mencionados atestam que o interacionismo deixou de lado certos 'dogmas' conceituais e metodológicos, que restringiam seu campo de ação, ao mesmo tempo em que ampliava as críticas fundamentadas que recebia. Para Stryker, atualmente o interacionismo perde menos energia com problemas meta teóricos da pesquisa, e gasta mais na pesquisa em si; pouco preocupados em reafirmar as tradições herdadas e mais em desenvolvê-las, menos fechado para ouvir as outras tradições e mais aberto para procurar estímulos fora dos domínios tradicionais da disciplina.

5.3 Interacionismo e pós-modernidade

Nesse último item, apresentaremos brevemente como o interacionismo desse período já em vitalização serviu para reflexões pós-modernas, outro exemplo da sua flexibilização e da sua contribuição para outras áreas da teoria social. Nas últimas décadas, a problemática pós-moderna inspirou a releitura de diversos

clássicos. O projeto pós-moderno, fundado em autores com Foucault, Derrida e Baudrillard, defende a desconstrução do social, o desmonte do projeto iluminista e o abandono de uma busca científica e objetiva da verdade, da moralidade e de uma estética absoluta, universal (CONNOR, 1993). Aqui o pós-modernismo é entendido como um ponto de vista cético em relação às possibilidades de ações sociais e morais ilustradas, reflexo do profundo pessimismo em relação à possibilidade de sujeitos cooperativos.

Essa idéia bate de frente com a perspectiva de Mead de sujeitos e do social como realidades emergentes e sempre se recriando. Mead via o sujeito como capaz de controlar o seu futuro, com o propósito de uma ordem social cooperativa e duradoura. Seu compromisso com o behaviorismo social estava ancorado no Iluminismo, que se prolongou com o trabalho de Blumer e Kuhn, que prognosticaram que os interacionistas dariam continuidade ao projeto iluminista iniciado por Mead. Isso foi sustentado por alguns interacionistas que mantiveram um foco na investigação modernista. Mas, com o avanço da modernidade, um novo foco investigativo surgia que não apresentava mais a inocência do auto-desenvolvimento e a consciência Meadiana. E é essa perspectiva interacionista mais moderna que pode ser vista como precursora da investigação pós-moderna. (KATOVICH & REESE, 1993, p. 392-292)

É, pois, na modernidade tardia que Katovich e Reese encontram o que eles chamam de uma concepção do *self* social menos inocente, na figura de interacionistas que criaram uma nova forma de olhar o *self* e o social, demonstrando assim que as concepções pós-modernas também foram reconstruídas dentro dos paradigmas pragmáticos.

Pensadores da década de 1950 e 1960, influenciados por Blumer e a tradição de Chicago, voltaram suas atenções para o consumo de massa e as contradições do capitalismo. Nesse contexto contestaram a fé no trabalho cooperativo, distanciaram-se do funcionalismo e se aproximaram da perspectiva do conflito. Esses interacionistas criaram uma ponte com a pós-modernidade ao descreverem como os sujeitos enfrentam-se em situações que não são sempre favoráveis aos seus interesses, e por isso ficam presos, caem em armadilhas. Goffman criou uma micro-sociologia, Stone mostrou o universo da aparência, Becker sensibilizou o interacionismo para contingências estruturais, e Lemert trouxe à tona como a

sensibilidade normal pode se tornar histeria e paranóia. (Katovich & Reese, 1993, p. 393)

Todos esses pensadores partiram do *self* como base de investigação, mas questionando a sua inocência, ficando numa posição irônica frente a uma concepção pragmática e modernista de seu destino e do progresso científico. Apresentaram uma mudança na perspectiva de Mead de que o *self* é moldado por ações sólidas, cooperativas, e que o progresso científico pode nos permitir uma melhor compreensão dessas condições. Ao invés disso, o *self* se tornou tanto o centro dos processos de controle social e cooperação quanto das aparências fugazes e das ilusões desses processos. Não era subjetivamente dinâmico, mas um objeto em constante mutação, sob controle institucional (científico também) onde a auto-imagem ou a identidade social substituíram a cooperação social como foco das pesquisas.

2. Futuro – conclusões parciais

De todos os desenvolvimentos ocorridos no interacionismo recentemente, Stryker considera que o mais importante é aquele que introduz uma concepção viável de estrutura social, juntamente com o esforço relacionado para elaborar os mecanismos pelos quais as estruturas sociais constroem os processos sócio-psicológicos. Abrem-se assim novas possibilidades de pesquisa, que ajudam a explicar o impacto da estrutura social no comportamento, tanto individual quanto social, e que tem muito mais a contribuir do que uma sociologia interpretativista e subjetivista da experiência humana.

Uma linha de teorização sociológica que vem de Durkheim ao Marxismo, passando por Parsons e os funcionalistas, argumentou que as sociedades são essencialmente sistemas que se auto-reproduzem, ou seja, que as sociedades coagem seus membros a agir de formas que mostrem, reforcem e reproduzam o arranjo social existente. Em oposição a essa visão, o interacionismo argumentou que as pessoas são agentes ativos na construção dos seus próprios comportamentos, e o fazem de forma que não sustentam a organização social. O que essas duas perspectivas sugerem é que não são excludentes, que tanto os processos de construção quanto os de reconstrução ocorrem num processo social mais amplo que abrange ambos. Devemos então tentar entender como ambos operam. Assim, a mudança do embocadura metodológica do interacionismo

simbólico proporcionou um espaço importante para a estrutura social, viabilizando a sua reinserção nas principais correntes do pensamento sociológico. A gama de temáticas trabalhadas, seu ecletismo metodológico e a sua posição não – dogmática fazem o futuro do interacionismo bastante promissor. Terminamos com uma citação de Denzim, que evidencia bem o momento atual do interacionismo simbólico, que buscamos apresentar nesse artigo:

“Enquanto perspectiva, o interacionismo esta se movendo em diversas direções ao mesmo tempo, tanto vertical quanto horizontalmente. Isso significa que a tradição interacionista precisa confrontar, absorver, debater, e entrar em conflito com os novos terrenos da teoria que continuam a aparecer no período pós-moderno. É assim que tem que ser. Estamos vivos, vigorosos, e nos tornaremos ainda mais se deixarmos o passado para trás e abraçarmos plenamente esse mundo pós-moderno e incerto no qual estamos todos mergulhados” (DENZIN, 1997, p, 169)

Referências bibliográficas

ALEXANDER, J. (1987), **Twenty Lectures – Sociological Theory since World War II**. NY: Columbia University Press.

BARRETO, V. (2006), **Dicionário de Filosofia do Direito**. RJ: Renovar; RS: Editora Unisinos.

BAUGH, K. Jr. (1990), **The methodology of Herbert Blumer: critical interpretation and repair**. Cambridge University Press.

BURKE, P. (2003), "Commentary on Sheldon Stryker´s Essay on ‘Whither Symbolic Interaction?’" **Symbolic Interaction**, 26: 111-118.

CONNOR, S. (1993), **Cultura pós-moderna; introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola.

COULON, A. (1995), **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus.

CRAIG, I. (1984), **Modern Social Theory: From Parsons to Habermas**. NY: St. Martin´s Press.

CUFF, E; FRANCIS, D; SHARROCK, W. (2006), **Perspectives in sociology**. 5th Ed. New York: Routledge.

DENZIM, N. (1997), **Symbolic Interactionism and Cultural Studies: The Politics of Interpretation**. Osford: Blackwell Publishers, 1997.

FINE, G. (1993) "The Sad Demise, Mysterious Disappearance, and Glorious Triumph of Symbolic Interactionism". **Annual Review of Sociology**, Vol. 19, pp 61-87.

GONOS, G. (1977), “"Situation” versus “Frame”: The “Interactionist” and the “Structuralist” Analyses of Everyday Life”. **American Sociological Review**, Vol. 42, N. 6, pp. 854-867.

HADDAD, F. (2003) "Positive dialectic: from Mead to Habermas". **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 2003, n. 59.

JAMESON, F. (1976) "Review: On Goffman's Frame Analysis". **Theory and Society**, Vol. 3, n. 1, p. 119-133.

JOAS, H. (1999), "Interacionismo Simbólico". In: GIDDENS, A; TURNER, J. (org.) **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP.

KATOVICH, M; REESE, W. (1993), "Postmodern Thought in Symbolic Interaction: Reconstructing Social Inquiry in Light of Late-Modern Concerns". **The Sociological Quarterly**, Vol. 34, N. 03, p. 391-411.

KINOUCI, R. (2007), "Notas introdutórias ao pragmatismo clássico". **Scientiæ Studia -Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 215-226.

LALLEMENT, M. (2004), **História das idéias sociológicas**: de Parsons aos contemporâneos. Petrópolis: Vozes.

LEVINE, D. (1997), **Visões da tradição sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEWIS, J. (1976) "The Classic American Pragmatists As Forerunners To Symbolic Interactionism." **The Sociological Quarterly**, Vol. 17, n. 3.

NUNES, J. (2005), **Interacionismo simbólico e dramaturgia**: a sociologia de Goffman. São Paulo: Humanitas; Goiânia: Editoria UFG.

PLUMMER, K. (1998) "Herbert Blumer". In: STONES, R. (ed.) **Key sociological thinkers**. NY: New York University Press.

STRAUSS, A. (1999), **Espelhos e Máscaras**: A Busca de Identidade. São Paulo: Edusp.

STRYKER, S. (1987), "The Vitalization of Symbolic Interactionism". **Social Psychology Quarterly**, Vol. 50, n. 1, pp. 83-94.

VELHO, G. (1999) "Apresentação". In: STRAUSS, A. **Espelhos e Máscaras**: A Busca de Identidade. São Paulo: Edusp.

Recebido em Março de 2016

Aprovado em Dezembro de 2016